

VALESCA DE ASSIS

FORTUNA CRÍTICA

RESENHAS E ENSAIOS

JORNAIS E REVISTAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

CLASSIFICADA POR OBRAS

Apanhar do chão

Apanhar do chão

A escritora santa-cruzens Valesca de Assis (foto) já se encontrava em sua terra natal para o lançamento de seu novo livro, *Apanhar do chão*, hoje, pela Editora Gazeta, quando foi, digamos, apanhada de surpresa com a bela notícia. Seu nome está entre os cinco finalistas ao título de patrono da 61ª Feira do Livro de Porto Alegre. A relação foi divulgada ontem à tarde pela Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL). Além de Valesca, concorrem Cíntia Moscovich, Dilan Camargo, Maria Carpi e Santiago. O vencedor sairá em votação da qual podem participar associados, diretoria da CRL, ex-patronos e representantes da área cultural. Em Santa Cruz, Valesca se disse muito feliz e honrada por estar na seleta lista. Não deve restar a ela dúvida alguma de que sua cidade natal já está em torcida total para ter uma filha da terra patronesse na mais importante Feira do Livro do Estado.

A ponta do silêncio

Orelha de Jane Tutikian para *A Ponta do Silêncio*

Jane Tutikian

Outono/ 2016

Se é sempre ótima a notícia da chegada de um novo livro, mais, ainda, quando se trata de um novo livro de Valesca de Assis. Há muito que Valesca já disse a que veio e imprimiu, definitivamente, sua marca na literatura brasileira. Com um estilo maduro e fortemente individuado, a autora vem tirar o leitor do conforto e o faz com grande habilidade. A trama está situada no passado, mas poderia ser no presente. Acontece na pequena cidade de cruzeiro, mas poderia acontecer aqui, ali, em qualquer grande metrópole do mundo. E as pessoas, ah! As pessoas são nossos conhecidos e desconhecidos no seu dia a dia, esse dia a dia em que simplesmente tomam posições – “sei lá, nem ouvi falar direito sobre isso... mas acho que é culpada.” – independente dos diferentes desfechos. Quantos Rudys andam por aí? Quantas Margas amordaçadas, vivendo “para dentro” até a explosão nos cercam?

É o que há de mais apaixonante na literatura. Transformar vida em arte – colocar à nossa frente personagens e dramas com eu nos deparamos cotidianamente e que, se para a maioria de nós passam despercebidos, são captados com sensibilidade pela lente da autora. O que ela desvenda nas inquietações expostas é a expressão da realidade humana nos seus aspectos mais profundos, é a vida de pessoas que permanecem estranhas umas às outras e, sobretudo, protegidas de si e do outro, até que.

A narrativa é simples e densa e forte, atravessada por estratégias como as catas a Leonel. É o tempo de uma vida e de uma confissão. E ela se constrói na medida em que é tecida na busca mesmo “de sentido no bordado e na escritura.”

Uma leitura fácil para quem quiser assim ler, uma leitura difícil para quem quiser tocar na parte “submersa das geleiras”. A leitura de *A Ponta do Silêncio* é risco e desfazimento de certezas herdadas e conquistadas. É, por ventura, onde reside o prazer da sua leitura: na inquietação semeada. Fecha-se o livro com uma revolução instaurada em nós mesmos. E quem há de negar que este não é o melhor da literatura? É que talento não se adquire. Escritor é, desde sempre. Valesca de Assis é, desde sempre.

De Vítima a algoz

Valesca de Assis lança romance que parte de um crime para refletir sobre a violência contra a mulher

Alexandre Lucchese

A violência doméstica contra a mulher, cotidiana e gradual, geralmente se esconde entre quatro paredes, velada pelo silêncio de vítimas e familiares. Em seu quarto romance, Valesca de Assis se dedica a desvelar o ambiente de agressões no qual, aos poucos, uma vítima penetra – com trágicas consequências. O livro *A ponta do silêncio* será lançado nesta quarta-feira, às 17h, com sessão de autógrafos, na livraria Palavraria.

Na trama, Marga é uma professora de um colégio do interior que se casa com Rudy, herdeiro de uma família tradicional. De origem humilde, a professora vê gradualmente artigos de valor sentimental que trazia da casa da família desaparecerem do novo lar, descartados pelo marido, que preferia peças mais caras. Com o tempo, o desrespeito avança, até que o limite da agressão física seja também ultrapassado. A certa altura, porém, o jogo vira: Rudy aparece morto, e Marga é a principal suspeita.

Esse é o ponto de partida de *A ponta do silêncio*. Emocionalmente abalada, Marga perde a fala, sendo internada em um hospital. Ali começa a rever seu passado e se prepara para esclarecer ao delegado o que realmente ocorreu com o marido na noite do crime. A partir de então, o livro esmiúça como uma mulher como Marga passou de vítima a algoz de uma maneira tão radical.

O novo romance da escritora e professora Valesca de Assis levou 13 anos para ser escrito.

– Quería um livro curto, que repentinamente jogasse o leitor na posição de Marga, assim como ela, de repente, vê sua vida mudar – conta Valesca.

Também o comportamento da sociedade em que a personagem vive é exposto pela escritora. Em um programa de rádio, Marga é condenada pelos ouvintes entrevistados, mesmo quando não se tem muitas informações a respeito do que ocorreu.

– Quería mostrar como a mulher é colocada como culpada, mesmo quando não há conhecimento sobre o ocorrido e seu contexto. Ela se culpa primeiro internamente, depois em esferas sociais maiores, como a cidade ou o Estado – explica a autora.

Valesca afirma que não se inspirou em nenhum caso próximo, mas conta que a ideia do romance surgiu quando leu em um jornal que uma mulher estava sendo acusada de um crime parecido com o descrito na narrativa. No entanto, a autora reconhece também traços do machismo vivenciado por Marga no meio em que atua:

– É difícil para as mulheres dedicarem tempo à literatura, pois a criação literária é muito exigente, não pode ser feita apenas nas horas que sobram. É aceitável para um homem dedicar horas de seu dia à escrita, mas, para as mulheres, parece que são sempre impostas outras tarefas, como cuidar dos filhos e da casa.

Com uma prosa fluente e uma protagonista bem construída, *A ponta do silêncio* oferece um ponto de vista original para um tema cada vez mais presente no debate público: a opressão de gênero em uma sociedade patriarcal.

A PONTA DO SILÊNCIO

De Valesca de Assis

Romance, 88 páginas, BesouroBox, R\$ 34.

Sessão de autógrafos **nesta quarta-feira**, às 17h, na Palavraria (Vasco da Gama, 165), em Porto Alegre.

Zero Hora. Porto Alegre. 10, ago, 2016. P 6. Segundo Caderno

Guardiões do Saber

Mauro Klafke e Valesca de Assis, nessa ordem, apresentam suas novidades hoje à tardinha na Feira do Livro.

Romar Beling

Uma feliz coincidência, ou uma providencial iniciativa, permite dois dos maiores expoentes da literatura regional se apresentem de forma praticamente simultânea na 29ª Feira do Livro de Santa Cruz do Sul, hoje, ao final da tarde. O poeta escritor Mauro Klafke, santa-cruzense radicando em Gramado Xavier, e a escritora Valesca de Assis, santa-cruzense radicada em Porto Alegre, divulgam suas novas obras, recém lançadas, no espaço de autógrafos, próximo ao palco. Klafke, após se dedicar à poesia por mais de três décadas, ingressou a passos largos na narrativa, a começar pelo conto. Agora estreia em romance, com *A guardiã do fogo: uma saga dos monges barbudos* (Editora Singram), às 18 horas. E Valesca, romancista virtuosa e reconhecida em âmbito nacional, traz sua novel *A ponta do silêncio* (BesouroBox), um pouquinho mais tarde, a partir das 18h30.

No caso de Klafke, *A guardiã do fogo*, de 187 páginas, é ápice de uma trilha pela qual ingressara de uma forma até um tanto tardia, na poesia, a graneara respeito, elogio e premiações. Há cindo anos, surgiu no conto, e em três obras lapidou um estilo próprio na narrativa curta de tonalidade autobiográfica, com olhar acurado sobre a história recente.

Pois é justamente do passado regional que extrai o mote de seu primeiro romance. Resgata o movimento religioso dos Monges Barbudos, episódio que – à feição dos Muckers do Ferrabraz, em Sapiranga, entre 1873 e 1874 – eclodiu na região de Soledade, entre 1935 e 1938, com forte repressão em tempos de Estado Novo. O livro é anunciado como a primeira parte de um enredo que deve ter continuação.

E *A ponta do silêncio*, de 84 páginas, com sublime condensação da trama e forjando o suspense com mestria, abala certezas: do crime passional ao *thriller* psicológico, da tomada de consciência aos interditos e ao sufocamento nas relações, vai tecendo um ambiente que pode estar no passado, ou não. Autora de *A valsa da medusa* romance de fundação da colônia de Santa Cruz, Valesca conforma um estilo todo seu, narradora da mais alta clássica.

Há a salientar mais uma circunstância que irmana os lançamentos desses dois livros hoje. Valesca é casada com o romancista Luiz Antonio de Assis Brasil, que assina a apresentação de *A guardiã do fogo*, cuja leitura muito recomendada. Assis Brasil é, justamente, autor de *Videiras de cristal*, romance que tematiza a revolta dos Muckers, acima mencionados. Só do bom e do melhor.

Um livro e um filme gaúchos

Juremir Machado da Silva

Os idiotas colonizadores garantem que só os de fora fazem coisas boas. Especialmente os estrangeiros. Minam-se de encantamento diante de qualquer filme internacional. Babam no cadarço soletrando o nome do menor escritor americano ou europeu. Só os “desenvolvidos”, os cevados em cultura milenar ou acelerada pelo poder, saberiam filmar e escrever, salvo algum extraviado deste mundão sem porteira aos demais, nós, os periféricos, caberia o papel de contemplarmos, não sabem, esses coitados, que, em cada lugar do mundo, brotam obras que exigem nossa leitura. Num final de tarde, peguei “Apona do silêncio” (BesouroBox), de Valesca de Assis. Peguei e já não larguei mais.

Eis – gosto dessa armação da frase – uma narrativa que destripa a violência doméstica, com sensibilidade e consistência. Ou como um homem pode se transformar num monstro nojento depois de ter sido um personagem romântico, apaixonado e apaixonante.

O machismo reina. Num texto curto, Valesca revela as engrenagens cotidianas que levam do amor ao ódio, do carinho ao conflito, das juras de amor à injúria das noites de insônia e da convivência salpicada de afeto à guerra diária. Uma família pode ser m campo minado de mágoas explosivas.

Cada página da novela de Valesca de Assis é pontuada de marcas da vida como ela pode se calcificar na falsa placidez de um lar: desilusões, preconceitos, cobranças, imposições, hábitos irracionais, jogos de poder, crueldade, perversidade, rotas de fuga: alcoolismos, autoritarismo, dogmas, assuntos proibidos, fórmulas caducas, valores feitos sob medida para atualizar o sofrimento em doses sempre maiores. Um rosário de pragas. Uma frase de “Apona do silêncio” resume tudo na sua simplicidade brutal: “E a coisa foi seguindo e eu piorando”

A leitura desta ficção tão real me fez pensar sobre tanta coisa.

Quanto tempo perdemos na vida lendo as sandices das estrelas da hora. Houve uma época em que o dono do pedaço era o jornalista.

Comentário de Oscar

Oscar Bessi

Eu queria postar um trecho brilhante. Mas o livro é todo feito de trechos brilhantes. Eu queria dizer quantas vezes me emocionei, mas eu não contive lágrimas em diversas passagens com Marga. Eu sabia que seria ótimo, eu desconfiava que noite passada não pararia de ler antes de chegar ao fim, e assim foi. Simplesmente esplêndido e impactante, eis o que é "*A ponta do silêncio*", de Valesca de Assis. E a apresentação de Jane Tutikian é mais que justa: "fecha-se o livro com uma revolução instaurada em nós mesmos". Parabéns pela edição Marco Cena Lopes. Enfim. Leiam, não percam esta oportunidade de se inquietar e emocionar feito eu.

Oscar Bessi com Valesca de Assis

Enviada em: sexta-feira, 23 de setembro de 2016 às 13:53

Facebook

Um livro para ler enquanto o cão dorme a teus pés

"A ponta do silêncio" é uma novela de luxo, econômica de palavras, densa na história escrita nas linhas e nas entrelinhas

Rosane de Oliveira

O segundo sábado de outubro foi especial. Começou pela recepção. Chegamos ao que chamo de casa de campo no início da tarde. As onze horas ainda estavam floridas, numa versão particular de Outubro Rosa. O quintal recendia a orquídeas, o roseiral estava mais florido do que nunca, os ipês roxos ainda guardavam um estoque de flores, o guaipeca que vive aqui fez uma festa ao saber que não passaria o fim de semana sozinho. Dormi a sesta que faltava no pós-eleição e, enfim, comecei a ler o primeiro livro da fila formada nessas semanas de dedicação exclusiva à política: *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis.

Antes de falar do livro, que sorvi da primeira à última linha sem levantar do sofá, enquanto o cão dormia meus pés, preciso falar de Valesca. É, antes de tudo, uma amiga com quem partilho o gosto pelas flores em geral e pelas camélias em particular, que ela chama de "rosas do Japão", como os portugueses. Valesca é uma escritora madura, que estreou em 1990, com *A Valsa da medusa*, lançou pérolas com *A harmonia das esferas* e *A colheita dos dias* e, agora, nos oferece essa novela de luxo, econômica de palavras, densa na história escrita nas linhas e nas entrelinhas.

A história contada por Valesca é universal, ainda que ambientado na fictícia Cruzeiro, região de colonização do Rio Grande do Sul. Com a habilidade da artesã que borda tapetes, tece o desmoronar de um casamento de três décadas. A gênese do desfecho trágico expressa-se em poucas palavras. Impossível não ter compaixão pela protagonista Marga Treibel, a mulher que sintetiza séculos e séculos de submissão. Não quero aqui estragar o prazer da descoberta. Digo apenas que, mesmo não tendo um cãozinho a seus pés, leia *A ponta do silêncio* com uma taça de vinho (prefiro um bom espumante) na mão, para, ao final, poder brindar à literatura de qualidade. E vamos ao próximo da fila, *O inverno e depois*, do querido Luiz Antônio de Assis Brasil, um escritor que trata a palavra com o mesmo zelo que ele e Valesca dedicam a seus gatos de estimação.

Sugestões para a feira

Claudia Tajes

Seguem as sugestões para a feira.

Em *A ponta do silêncio*, a escritora **Valesca de Assis** fala de um dos temas mais discutidos desses nossos dias, a opressão feminina em uma sociedade ainda patriarcal. Isso em um romance cheio de camadas em que a história de uma vítima e seu agressor não deixa o leitor largar o livro. Na categoria não ficção, a equipe do Hospital Sanatório Partenon reuniu no ensaio *Caiu na rede mas não é peixe* experiências com a saúde física e mental da população mais vulnerável e desassistida. Lançamento no dia 4 de novembro, às 18h, no pavilhão de autógrafos.

Zero Hora. Porto Alegre. 29 e 30, out, 2016. Caderno Donna

LUA DE MEL com a literatura

COM LIVROS NOVOS lançados há pouco, o casal de escritores Assis Brasil e Valesca de Assis tem sessões de autógrafos nesta feira

Rubem Penz

Juntos há mais de 40 anos, o casal de escritores Luiz Antonio de Assis Brasil e Valesca de Assis comemora lançamento duplo. Nesta Feira do Livro, Assis Brasil autografa sua mais nova obra, *O inverno e depois*, enquanto Valesca lança *A ponta do silêncio*. Apesar de compartilharem o mesmo ofício, garantem: sobre o que menos se conversa, em casas, é literatura.

– A gente já passa o dia inteiro tratando disso, e me resolvo melhor caminhando ou cozinhando (*do que conversando*). A gente não mistura, senão, acho que não teria casamento – brinca Valesca.

– Nossa relação é anterior à literatura e se mantem por outras razões. É como se um casal falasse de trabalho o tempo todo estando em casa. Então, temos carreiras muito independentes – complementa Assis Brasil.

Isso não significa que não aja colaboração. Uma vez terminado o livro, cada um conta com um grupo de leitores prévios, pessoas de confiança que têm acesso às obras antes do lançamento para opinar sobre o resultado. Entre os de Assis Brasil está Valesca (e vice-versa).

– É um sinal de inteligência ouvir os outros sobre aquilo que estamos escrevendo. Por vezes, descobrem problemas que a gente não percebeu. Ela opina sobre minhas obras com outras pessoas. Isso é bom – conta Assis.

– E, se a pessoa lê tudo de uma vez, dá para medir se o livro está com a tensão e a intensidade que queremos. Vemos se causou o impacto que gostaríamos no leitor. Lendo por partes, não dá para fazer isso – justifica Vanessa.

A dupla mantém rotinas em diferentes. Antigamente, escreviam no mesmo espaço (inclusive, com apenas um computador), mas, de 10 anos para cá, investiram em dois escritórios.

– Morria de medo de deletar algo dele. E cada um tem suas características. Ele é muito organizado, eu não sou. Assim, ninguém se incomoda com os defeitos do outro – explica a autora.

O imprescindível, salienta Assis Brasil, é manter o silêncio:

– Mas, como nós dois somos pessoas silenciosas, funciona bem.

O INVERNO E DEPOIS

Luiz Antonio de Assis Brasil

Romance, L&PM Editores, 352 págs. R\$ 39,90

Autógrafos hoje, às 19h, na Praça de Autógrafos

A PONTA DO SILÊNCIO

Valesca de Assis

Romance, BesouroBox, 88 págs., R\$ 34.

Autógrafos em 12 de novembro, às 16h, na Praça de Autógrafos

Harmonia das Esferas

Abraço de parabéns

Teolinda Gersão

laab

De: Teolinda Gersão**Para:** Luiz Antonio de Assis Brasil**Enviada em:** sexta-feira, 8 de outubro de 2004 14:06**Assunto:** abraço de parabéns

Cara Valesca:

Foi um prazer enorme conhecer você, e ter a grata surpresa de encontrar uma escritora! Não sabia que você também era romancista, fiquei muito contente quando li a *Harmonia das Esferas* (afinal já o seu 3º romance!), porque gostei imenso. A forma como narra é muito envolvente, e fui muito sensível à figura meio sonhada meio inventada do pai!

Parabéns! É ótimo ir conhecendo novos escritores e fazendo novos amigos!

Agradeço imenso todo o carinho com que vocês me receberam. Adorei estar aí!

Espero poder retribuir em Lisboa!

Um abraço agradecido e amigo

Teolinda

Sem maquiagem, elas vão à luta

Harmonia das Esferas consagra Valesca de Assis no rol dos grandes escritores

Deonísio da Silva*

Valesca de Assis faz por merecer nosso reconhecimento literário. Está consolidando seu caminho com livros relevantes para nossas letras e impossíveis de ser ignorados.

Já em *A Valsa da Medusa*, seu romance de estreia, bordou sobre a narrativa lendária de Tristão e Isolda as complexas alterações ensejadas pela imigração alemã, apresentando as sutis complexidades de vivências amorosas no Brasil meridional, sintetizadas em bela e dramática história de amor. Valesca dá outras vozes à mulher gaúcha, como demonstrou no livro seguinte *A Colheita dos Dias*.

Todos os escritores em suas obsessões temáticas e a autora não demora a revelar as suas também neste *Harmonia das Esferas* (WS Editor, 128 páginas, R\$12,80), seu terceiro romance. É dona de uma prosa que faz emergir a capacidade criativa que a mulher tem de resistir a imposições diversas. Umas, imemorais, parecendo próprias à condição feminina; outras, identificadas em tempos e espaços específicos, decorrentes de sistemas de dominação que passam pelo matrimônio, a maternidade e a educação dos filhos, para os quais deve ser um tenho exemplo da bondade humana contrapondo-se ao duto perfil de noivos, maridos e irmãos guerreiros, forjados em lutas fratricidas.

Para isso, a mulher do sul teve de ser guerreira também, travando outros combates, contra outros inimigos, em outros campos. Para as personagens de Valesca, os inimigos mais perigosos às vezes estão aquém da fronteira e voltam para dentro de casa à qual ela foi confinada, tão logo cessem as lutas externas. Emergem, então, certas singularidades da mulher gaúcha, que a distinguem no concerto feminino nacional e universal, pois se um rosto irado não é latino e nem grego, como disse Santo Agostinho, as máscaras femininas receberam no Brasil meridional maquiagens e outras configurações, resultando numa identidade encoberta que vai aos poucos se revelando.

Personagem vem de persona, que significa máscara. Espelhando a condição humana em personagens fascinantes, Valesca de Assis despontou como uma das estrelas de maior fulgor neste momento decisivo que a literatura brasileira vive: a passagem da mulher, de personagem à autora. Vão caindo maquiagens diversas e o leitor descobre que a mulher ali escondida é muito mais bela – porém, mais complexa – do que as aparências sumulavam.

Harmonia das Esferas é emblema de seu talento. Em narrativa que lembra a filosofia de Leibniz, suas personagens semelham mônadas que, conquanto reduzidas à solidão de suas existências, exercem atração umas sobre as outras e vão modificando os contextos em que vivem, às vezes imperceptivelmente.

Destaco outra peculiaridade de seu estilo, cuja falta sinto em muitos escritores contemporâneos, tanto em formação, como já consolidados em nossos cânones: a leitura. Ao saborearmos suas tramas, percebemos tratar-se de escritora suspicaz, atenta a textos de diversas procedências. É autora que lê, que sintoniza seu momento literário a outras vertentes e mananciais de nossa e de outras literaturas, o que lhe tem servido para não repetir ninguém e melhor moldar as suas novidades.

Doravante, se Valesca de Assis não constar de nossos registros habituais – principalmente no circuito escolar, nos compêndios e na imprensa – deles se poderá dizer o mesmo que se diz dos hospícios: nem todos os que estão, são; nem todos os que são, estão. Afinal, devemos reconhecer também os berços e não apenas os jazigos perpétuos.

Não se pode mais tolerar que autores como Valesca de Assis sejam descobertos por estrangeiros, nem que lhe exijam antes o atestado de óbito para ler

seus livros e estuda-los, como fizeram com Clarice Lispector e tantos outros. Como teia sido proveitoso para autores, obras e leitores que os mortos tivessem sido lidos quando vivos, sempre que possível, mono nos dão exemplo os suecos ao atribuírem o Prêmio Nobel. Já é tempo de dar uma olhadinha em nossas creches literárias, mesmo porque os cemitérios já têm guardiães sobrando e repetindo turnos.

* O autor é escritor e professor da Universidade Federal de São Carlos. Seu romance mais recente é *Os Guerreiros do Campo*.

O Estado de São Paulo. São Paulo. 22.out.2000, nº1043. P. 9. Cultura – Caderno 2

Sinopse dos Açorianos (Narrativa Longa)

Harmonia das Esferas – Não é difícil reconhecer os personagens que povoam as pequenas histórias entrelaçadas neste livro: ratos de coquetel, um professor que tem seu poema escolhido no concurso Poemas no Ônibus... Valesca de Assis constrói uma narrativa universal e plena de lirismos e mistérios que resgata a beleza das relações humanas, tendo como pano de fundo a cidade de Porto Alegre.

Programação do dia: 18 h – Romance: leituras por Cíntia Moscovich e Valesca de Assis. Coordenação de Volnyr Santos. Café Pasárgada.

Jornal Ponto & Vírgula. Ano VIII, N°04, Porto Alegre. 31.out.2001. P. 7. Secretaria
Municipal da Cultura

Novos

Roger Lerina

A Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), em assembleia realizada na noite de segunda-feira, escolheu os melhores de 2000 em 10 setores artísticos. Dois gaúchos foram apontados pela crítica paulista como as grandes revelações de 2000 em suas áreas: **Valesca de Assis** em **Literatura**, pela novela *Harmonia das Esferas*, e a atriz Júlia Feldens em Televisão, por *Laços de Família*. A cerimônia de entrega do troféu-escultura APCA, criado por Francisco Brennand, deverá ser realizada no final do mês de março, em dia e data a serem confirmados.

Zero Hora. Porto Alegre, 13.dez.2000. Contracapa. Segundo Caderno

Premiação fora de casa

Valesca de Assis foi escolhida autor revelação de 2000 pela prestigiada Associação Paulista de Críticos de Arte.

Eduardo Nasi

A menina Valesca, que escrevia textos típicos de adolescente em Santa Cruz do Sul, nunca sonhou tão alto. Aos 55 anos, a escritora Valesca de Assis ganhou um dos mais prestigiados prêmios literários do país – o da Associação Paulista de Críticos de Arte – na categoria revelação. A novela *Harmonia das Esferas* (WS Editor), lançada em agosto, voou longe e garantiu à escritora o primeiro prêmio de sua vida – depois de ter lançado outras duas novelas, *A Valsa da Medusa* (1990) e *A Colheita dos Dias* (1992).

Valesca soube da notícia da manhã da última terça-feira, bem cedinho. Ficou feliz, claro. Logo depois, saiu para caminhar. Foi quando se deu conta da grandeza do prêmio.

_ Achei que o Luiz Antonio tinha sonhado – conta, referindo-se ao marido, o arauto das boas novas e também escritor Luiz Antonio de Assis Brasil.

Foi há 15 anos, na primeira turma da tradicional oficina de literatura ministrada pelo marido na PUCRS, que Valesca começou a escrever ficção na maturidade. Durante todo o ano que durou o curso, manteve incógnita dos colegas a relação com o mestre – seu segundo marido, com quem está casada há 27 anos. O segredo só vazou graças ao colega e amigo do casal Jaime Cimenti, que abriu a boca nas últimas semanas.

Apaixonada por gatos, por Gramado, pela culinária portuguesa – a comemoração foi na noite de terça, com um pudim de bacalhau *light* no jantar -, Valesca tem uma filha jornalista Lúcia Mattos, um livro de crônicas pronto para sair e o projeto de escrever a biografia de uma pessoa com vida comum.

Valesca ainda tenta entender como um livro que tem uma carreira não-popular conseguiu atrair a atenção de tantos e tão conceituados críticos:

_ Os astros estavam a favor, porque aqui na Terra não veio nada.

O denso mundo da escritura

Volnyr Santos

Toda obra de arte, no fundo, nada mais é do que um deliberado sistema de sinais que indicia a sua própria significação. E a Literatura, talvez aquela expressão artística que melhor nos revele, encontra no romance uma forma de traduzir isso inteiramente, porque é através dele, nas ponderadas palavras de Simone de Beauvoir, que o escritor defronta com a possibilidade de alcançar a plenitude da experiência que nos foge quase sempre.

Valesca de Assis, em seu romance *Harmonia das Esferas*, encontra uma forma pessoal que habilita, sem o apelo a duvidosas aspirações de modernidade, a caracterizar estilisticamente a ambivalência na qual vivem os seus personagens, perdidos todos na procura de identidade ou de simples reconhecimento. A autenticidade da história narrada se acha na correspondência de um modo de pensar que a autora associa a um tipo de exposição narrativa que, à medida que vai-se construindo, alcança a densidade de que se reveste a história: um frustrado professor aspirante a poeta que aceita escrever a biografia de uma mulher que imaginou ter conquistado prestígio.

Se a literatura, no fundo, revela o que somos, eis o material necessário para que Valesca de Assis acrescente um caráter dramático àquilo que se vai contar, buscando, justamente, a *plenitude da experiência* que os seus personagens, ignorantes da complexa relação que tal experiência exige, desconhecem. O resultado é um esforço no sentido de compreender ou decifrar a própria vida.

É no modo como a escritora resolve o impasse para a expressão das mundivivências de seus personagens que faz de *Harmonia das Esferas* um texto capaz de interessar esteticamente. Sem processar qualquer mudança fundamental na concepção de mundo ou mesmo no trato da matéria ficcional, Valesca de Assis articula a história de tal maneira, que não só a narrativa é insistentemente fracionada por uma preocupação polifônica, como sugestionada pela coerência interna que acaba caracterizando uma *escritura da escritura*, isto é, um texto que se mostra indissolúvel da vida no ato de se fazer. Isso significa dizer que, no romance *Harmonia das Esferas*, a autora converte o real em *logos*: ao mesmo tempo em que se desfaz em palavra, a vida se entremostra num processo de refazimento capaz de incitar o leitor para a conciliação desses dois atributos sem os quais o sentido se perde.

Se as criaturas de Valesca de Assis sonham com a promessa de plenitude, é a vida que vai mostrar a impossibilidade do absoluto. É nessa confluência que o modo de narração mostra-se significativo: é o ato do *fazer-se fazendo* que dá à autora a condição de evidenciar a pregnância do texto, isto é, a força da forma para a compreensão de tal circunstância.

Refazendo tudo isso com outras palavras: como a vida é um permanente devenir, um modo de retenção do absoluto talvez seja a rendição ao presente, ao instante em forma de arte em cujo fascínio está não só a natureza, mas também as gentes e as coisas. E também a leitura.

Literatura e leitores

Rafael Barbosa

A orelha do livro promete que a história é ambientada no universo das noites de autógrafos e que as personagens envolvidas são a fauna dessas noites. Além do escritor, criaturas que dão corpo e sentido ao acontecimento, o que não inclui necessariamente apenas leitores, como a autora sugere mais tarde. No entanto, talvez não se trate de uma confraria, como afirma a orelha. Pelo menos em determinado momento, a leitura mais óbvia diz que *Harmonia das Esferas* faz referência à trupe de um freak show.

Entre a mesa de autógrafos e andejas com bebidas e canapés, circulam desde poetas frustrados, gente interessada em ferrar o estômago com o queijo e o vinho servido, até literatos com projetos eternamente no prelo (que nunca saem da gaveta), à intelectualidade provinciana local, filósofos de meia pataca, ou ainda, nas palavras da autora, para ilustrar melhor, “o velhote com cara de morcego, o careca mais jovem (...) e a dama que os acompanha, sempre vestida de negro e colorida de bijuterias.”

É numa dessas noites – durante o lançamento da biografia *A Prisioneira de Petit Trainon* – que o casal de protagonistas se conhece de fato. Quase do mesmo naipe que o resto dos frequentadores e conhecidos de outros eventos similares, também contato maior do que nas vezes anteriores e descobrem que ambos têm o que o outro precisa.

Ele, Léo Schreiber (nome artístico), dublê de escritor e professor mal casado, autor de um obscuro livro, *Lírio no Pântano*, e de poemas publicados em adesivos espelhados pelas janelas de ônibus da cidade. Ficcionalista desistente que concilia a rotina entre problemas domésticos e lampejos de inspiração que lhe vêm em forma de enredos e temas.

Ela, Magdala Miranda, mulher de meia idade – a dama do vestido negro – frequentadora contumaz de lançamentos de livros, figurinha fácil em noites de autógrafos. Tanto que é capaz de empenhar bens pessoais consumindo literatura e comprando roupas melhores para poder frequentar os eventos. Protagonista de uma história estranha, que confunde sua vida com a existência de uma ilha quase mítica que vai pelos ares com uma explosão. É a personagem viva da história que Léo Schreiber esperava contar.

Inevitável dizer que o universo das noites de autógrafos é bem conhecido da autora. Vanessa de Assis, além de escritora, é mulher de escritor. É casada com Luiz Antonio de Assis Brasil, autor de *Videiras de Cristal* e *Cães da Província*, entre outros. Outra referência pessoal é a cidade. A autora gaúcha não se priva em fazer algumas descrições geográficas de Porto Alegre, cidade onde vive. É o Morro da Glória (residência de Magdala, o estuário do Guaíba (onde a ilha se localiza).

Harmonia das Esferas é quase o avesso da metanarrativa. A autora ensaia sobre o surgimento da construção de temas, sobre o espaço da literatura, conversando na segunda pessoa com suas personagens também autores. É diferente e, para dizer o mínimo, interessante.

Valesca de Assis é ainda autora de duas outras novelas, *A Valsa de Medusa* (1990) e *A Colheita dos dias* (1992). Com *Harmonia das Esferas*, foi vencedora do prêmio de autor revelação do ano de 2000 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Entrega de prêmios da APCA aos melhores de 2000

Roger Lerina

Será realizada hoje a entrega dos prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte aos melhores de 2000. Entre as escolhidas das 10 categorias que irão à cerimônia desta noite no Teatro Municipal de São Paulo, estão duas gaúchas: a escritora Valesca de Assis, prêmio revelação de autor pela novela *Harmonia das Esferas*, e a atriz Júlia Feldens, revelação TV com o personagem Ciça de *Laços de Família*.

A APCA é rigorosa e costuma premiar só gente grande. Olha só alguns dos outros eleitos desse ano: Paulo Autran, Marieta Severo, Stênio Garcia, Lima Duarte, Bebel Gilberto, Grupo Corpo, Hans-Hoachim Koelreutter, Lygia Fernandes Telles e Rubem Fonseca.

Zero Hora. Porto Alegre. 3.abr.2001. Contracapa. Segundo Caderno

APCA homenageia os melhores da cultura de 2000

A concorrida cerimônia de premiação foi anteontem, no Teatro Municipal

Thiago Mendonça

A Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) realizou na terça-feira a cerimônia de entrega de prêmios dos melhores das artes de 2000, no Teatro Municipal. A festa foi aberta com discurso do presidente da APCA, Luiz Carlos Merten, que ressaltou a importância da arte, não só agora para o aprimoramento cultural, mas também como instrumento de melhoria material e social do povo brasileiro. A apresentação dos prêmios foi feita pela atriz Denise Fraga e pelo apresentador de televisão Marcos Mion.

A primeira categoria a ser premiada foi a de artes visuais, que teve como destaque o artista Luiz Sacilotto. O artista, já muito idoso, teve dificuldades para subir ao palco e declarou que estava muito emocionado com a homenagem. Na premiação música erudita, foi ressaltada a importância que há em estimular essa área, que tem inteligência e sensibilidade das pessoas.

Lygia Fagundes Teles foi ovacionada pelo público ao receber o Grande Prêmio da Crítica pelo livro de Invenção e Memória. Lygia citou o poeta mineiro Tomás Antônio Gonzaga: "As glórias que vêm tarde, já vem frias" e acrescentou "agradeço aos críticos que estão me premiando essa noite, enquanto ainda estou quente". O autor Plínio Cabral (melhor livro juvenil) lamentou que a história de seu livro que trata da realidade social brasileira, não fosse fruto de sua imaginação. Nos prêmios de dança, Mariana Muniz (melhor intérprete) ressaltou que a dança, muito além da educação física, é arte de educação do ser e do espírito. Sérgio Bianchi ganhou o prêmio de melhor filme e "homenageou" todas as pessoas que atrapalharam a realização de sua obra. A atriz Laura Cardoso (prêmio de melhor atriz por *Através da Janela*), muito emocionada, disse estar muito nervosa, apesar de tantos anos de carreira.

Secretaria da Cultura

A Secretaria da Cultura de Porto Alegre anunciou os 27 finalistas da primeira fase do Prêmio açorianos de Literatura/edição 2001. Na categoria da narrativa longa, concorrem: **Valesca de Assis**, com *Harmonia das Esferas*; José Clemente Pozenato, com *A Cocanha*; e Sergio Jockymann, com o livro *Sortilégio*. Na poesia, foram escolhidos Eduardo Dall'Alba, Fabricio Carpinejar e Hélio Póvoas Júnior. O resultado final será divulgado em dezembro, na Noite do Livro.

Jornal do Comércio. Porto Alegre. 10.set.2001. Contracapa

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA
Coordenação do Livro e Literatura

Porto Alegre, outubro de 2001.

Cara Valesca de Assis:

É com prazer que lhe informamos que seu livro ***Harmonia das Esferas*** (WS Editor) é finalista do **Prêmio Açorianos de Literatura** - Edição 2001, na categoria de Narrativa Longa.

Na próxima fase do Prêmio todos os títulos finalistas serão encaminhados ao Grande Júri, composto por trinta pessoas da área de Literatura, indicadas por várias entidades, como *Instituto Estadual do Livro*, *Associação Gaúcha de Escritores* e *Câmara Rio-Grandense do Livro*, entre outras.

Estes jurados elegerão, entre os finalistas, os vencedores em cada categoria e a premiação será na Noite do Livro (18 de dezembro – local a confirmar).

Agradecemos por sua inscrição e lhe aguardamos em nossa festa de premiação, para a qual será enviado um convite com antecedência.

Atenciosamente,

Mauro Gaglietti
Coordenador do Livro de Literatura

(...) venha comigo, o senhor que é poeta (...) para que seja e ouça tudo, escrevendo, depois, com as palavras justas.

Leonardo Brasiliense Júnior, escritor.

As palavras justas, só pode dizê-las a obra literária. Dela, por nossa vez, no que importa, só conseguimos dizer pelas beiradas: se Valesca de Assis, em *Harmonia das Esferas*, expola com sensibilidade magistral a vida (e a morte) de personagens cuja sensibilidade é a princípio velada sob um cotidiano amargo e mesquinho, isso é técnica, boa técnica, mas apenas isso; no entanto, do modo que o faz, e com o resultado a que chega, a autora cutuca com sensibilidade inventiva o drama da vida (e da morte) humana, cujo desvelamento, função da arte, só nos é permitido dizer assim, pelas beiradas, à procura das palavras justas como esferas, que bem encontram sua harmonia na (boa) obra literária.

63ª FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE (2017)

PATRONATO

PATRONA DA RESISTÊNCIA

Alexandre Lucchese

ESCRITORA VALESCA DE ASSIS é anunciada como anfitriã da próxima Feira do Livro de Porto Alegre.

A 63ª Feira do Livro de Porto Alegre terá dimensões menores, mas reforçará seu caráter de resistência cultural e política. É o que garante a patrona do evento, a escritora Valesca de Assis. O nome da autora foi divulgado na manhã de ontem, em cerimônia da Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL).

— Já passei por uma ditadura. Vi pessoas se cansarem ao longo do tempo. Embora fisicamente cansada, psiquicamente ainda tenho forças para lutar. É a resistência por meio da palavra que sobrevivem um evento como este – disse Valesca, após o anúncio.

A escritora foi escolhida por meio de uma eleição interna, à qual concorriam também André Neves, Caio Riter, Celso Gutfreind e Luís Dill. A posse se dará na abertura da Feira, que ocupará a Praça da Alfândega de 1º a 19 de novembro.

Natural de Santa Cruz do Sul, Valesca cresceu na cidade de Iraí e se mudou para a Capital para cursar Filosofia na UFRGS. O curso de graduação foi concluído em 1968, em pleno regime militar.

— Nas manifestações dos estudantes, a cavalaria começava a nos perseguir na UFRGS e terminava na Praça da Alfândega. Agora, estarei na Praça como patrona. Os tempos realmente mudaram – avalia a escritora.

A carreira literária começou em 1990, com o romance *A Valsa da Medusa*. Em seu trabalho ficcional, Valesca costuma abordar aspectos da imigração alemã no Vale do Rio Pardo, além de trabalhar a herança cultural dos povos originários, como a cosmogonia dos índios caingangue. No ano passado, lançou *A Ponta do Silêncio*, que tematiza a violência contra a mulher.

Para o ano que vem, Valesca planeja relançar *Harmonia das Esferas*, publicado originalmente em 2000, mas reescrito pela autora. O romance lhe rendeu o prêmio de revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte.

— O que fiz nessa nova versão foi cortar excessos do texto original. Com o tempo, aprendemos que escrever menos faz parte de escrever melhor – comenta a autora.

Além de escritora, Valesca trabalhou como professora em colégio estadual e também ministra oficinas de escrita criativa. É casada com o autor Luiz Antonio de Assis Brasil, que já foi patrono da Feira do Livro em 1997.

— Há exatamente 20 anos meu marido ocupou esse posto – comemorou Valesca, logo depois do anúncio.

Evento menor em ano difícil

O presidente da CRL, Marco Cena Lopes, abriu a cerimônia de divulgação da nova patrona com um discurso otimista. Ele admitiu que a Feira deste ano será “um pouquinho menor”, mas assegurou que terá conteúdo qualificado e diversificado.

A solenidade, realizada em um hotel próxima à Praça da Alfândega, atrasou devido ao temporal que caía pela manhã em Porto Alegre. Marco Cena comparou o clima tempestuoso com o ano de dificuldades financeiras:

— O ano foi de tempestades e dilúvios, de sinais que não se abriram. Mas também foi um ano que renovou meu otimismo, pois percebi que não estamos sozinhos. Há muita gente trabalhando em prol da leitura e da literatura. Neste ano, visitei muitas feiras pelo Rio Grande do Sul e percebi que a maior dificuldade dos últimos tempos não foram os governos, mas nós mesmos. Muitos deixaram de acreditar que as coisas podem melhorar. É preciso continuar com essa esperança.

A Valsa da Medusa (1990)
A Colheita dos Dias (1992)
O Livro das Generosidades (1997)
Harmonia das Esferas (2000)
A Ponta do Silêncio (2016)

CRÔNICA

Todos os Meses (2004)

INFANTOJUVENIL

Dicionário (2005)
Vão Pensar que Estamos Fugindo (2008)
Um dia de Gato (2010)

Zero Hora. Porto Alegre. 12.out.2017. P 1. Segundo Caderno

Um patronato de fada-madrinha

Rubem Penz

Diz-se fada-madrinha a pessoa que altera nosso futuro para melhor, ofertando oportunidades. Quando se trata de um privilégio de estar diante de alguém assim, e nesse alguém repousa o olhar sobre você corre-se o risco de ter a vida transformada. Aconteceu comigo e Valesca de Assis. Para quem ainda não sabe, conto a história.

Lá vinha eu cultivando angustias típicas da aproximação da meia-idade, período em que, de certa forma, pendemos entre o passado e o futuro. Minha agonia repousava sobre a certeza de ter feito mil desvios da missão – fosse ela modesta ou grandiosa. Foi quando vi o anúncio de jornal: Oficina de Crônica com Valesca de Assis. Eu havia recommençado a escrever fazia pouco. Foram manhãs de sábado produtivas, inspiradoras, memoráveis. Ao terminarmos o curso, estava maravilhado com sua condução, ensinamentos e o modo com que havia criado um grupo coeso, carinhoso e confiante. Turma para jamais ser esquecida.

Adiante, escreveu generosamente orelha do meu primeiro livro e, com paciência, aconselhou sobre os caminhos da vida literária. No final do ano de 2007, sem que pedisse ou sequer imaginasse, ela lançou o convite – desafio? – para dividirmos a condução de uma pequena oficina de textos de Natal. Justo eu, entre outros tantos e tão bons? Ah, adiante a minha limitada compreensão. Pressentia o encontro entre mim e o bom destino. O tempo inteiro, enquanto eu duvidava, ela tecia certezas. Resultado: o cronista e o orientador de oficinas literárias que hoje sou, devo a seu exemplo e condão.

Por tudo o que ela é e sabe – e a história acima é só mais uma entre tantos exemplos – festejo a escolha de Valesca para ser a patrona da 63ª Feira do Livro de Porto Alegre. A Câmara Rio-Grandense do Livro abre para todos a chance de ser olhado por essa pessoa incrível, escutá-la e, com sorte, ter a trajetória transformada por ela. A escritora Valesca de Assis dedica a vida para ensinar que o respeito ao fazer literário deve começar pelo respeito ao ser humano, suas potencialidades, inquietações e fragilidades. Olha para tanto para o texto quanto para o virtual do colega de ofício. Escreve como poucos, leciona como ainda mais raros. Certo como chuva novembro, a eleição do patronato indica que esta será uma Feira inesquecível.

A patrona e a feira

Cíntia Moscovich

Quando, na semana retrasada, numa cerimônia que tradicionalmente é realizada num simpático café da manhã, me tocou revelar o nome do patrono da 63ª Feira do Livro de Porto Alegre, eu sabia que, qualquer que fosse o escolhido, eu ficaria feliz e satisfeita – todos os cinco patronáveis desta edição são meus amigos.

No entanto, ao abrir o envelope e ler o nome de Valesca de Assis, confesso que senti uma satisfação ainda maior: era primeira vez na história da Feira do Livro que uma mulher sucede outra no patronato.

Feminismos à parte, aplaudo a sábia escolha dos associados da Câmara Rio-Grandense do Livro. Valesca é daquelas autoras discretas, que não gosta de alarde, mas que trabalha em prol da literatura com amor e afinco. Professora, ministrante de oficinas de criação literária, autora de seis livros individuais, estreou em 1990, com *A Valsa da Medusa*, e desde então vem construindo sem pressa uma carreira sólida e séria.

Seu livro mais recente, *A Ponta do Silêncio* (Besouro Box, de 2016, demorou 13 anos para ser escrito. Romance compacto, de capítulos curtos e cortes rápidos, a obra conta a história de Marga, conhecida e estimada professora de um colégio do Interior, que é casada já por 33 anos com Rudy, com quem tem uma filha. A trama abre num momento de pura tensão: Rudy está morto, possivelmente assassinado dentro de casa, e todas as suspeitas recaem sobre Marga.

Pouco a pouco, surge a história de um casamento infeliz, de violência e de opressão, andamento conduzido com segurança narrativa por Valesca. Ao mesmo tempo em que o passado se revela, recaem sobre Marga acusações de assassinato, como se óbvio fosse a única maneira de a verdade se materializar e como se as coisas obedecessem ao roteiro sem imaginação das pessoas.

Livro que ajuda a compreender a complexa trama que faz com que mulheres agredidas por seus companheiros se recusem a denunciá-los, *A Ponta do Silêncio* é uma obra delicada em sua concepção e arrojada em sua realização. Um belo passaporte, se é que de um necessita, a nossa patrona. Longa vida e longa obra, querida Valesca. Boa Feira para todos.

Entrevista

“Para nós, mulheres, a questão ainda não está resolvida dentro de casa”

Caue Fonseca

Patrona da 63ª Feira do Livro de Porto Alegre, Valesca de Assis fala sobre os deságios da mulher na carreira, na literatura e dentro do lar – este, um dos temas de seu último romance.

Pela primeira vez nas 63 edições da Feira do Livro de Porto Alegre, uma mulher passará o cargo de patrona do evento para outra. O evento que ocupará a Praça da Alfândega de 1º a 19 de novembro terá como anfitriã a escritora Valesca de Assis, que substituirá a amiga Cíntia Moscovich. O ato parece ainda mais simbólico se olharmos para a homenageada deste ano mais de perto.

Aos 72 anos, Valesca tem como último romance *A Ponta do Silêncio* (Ed. Besouro Box, 2016), sobre uma mulher acusada de matar o próprio marido em uma cidade interiorana. Temas como relacionamentos abusivos e linchamento da opinião pública tão presentes no noticiário de hoje, aparecem no centro da obra em que a autora trabalhou por 13 anos.

– Se é para abrir determinados potes com a escrita, que se abra e jogue a tampa longe de uma vez – brinca a autora.

Valesca recebeu a reportagem *Donna* na casa do bairro Tristeza em que vive com o marido, Luiz Antonio de Assis Brasil, também patrono há exatos 20 anos.

Você enxerga um significado especial, como mulher, em receber o patronato da feira de outra mulher?

Não acho que seja de a gente se envaidecer. É para constatar um progresso que a mulher teve com seus novos papéis. Eu costumo dizer que isso vem desde as cavernas: as mulheres sempre dentro das casas. Subestimadas por intelectuais desde Aristóteles, que eu amo, mas que dizia que as mulheres eram muito burras e por isso deveriam apenas cuidar das crianças. E o contrário também: estamos no século 21 e recém os homens estão um pouco mais atuantes no lar. Até poucos anos, eles ainda ficavam mais perdidos dentro de casa do que matando uns bisontes por aí. Então é uma mudança mais recente do que parece. Na minha época, um homem não subia no bonde nem com a bolsa de uma criança.

E quanto à escolha como patrona, foi surpresa para você?

Nunca imaginei que fosse acontecer, que fosse chegar ao patronato da Feira do Livro. Minha primeira oficina literária foi com 38 anos. Publiquei o primeiro livro aos 45 anos. Então, eu não esperava, porque a carreira literária é muito demorada. No meu caso, houve ainda outros desafios. Além de já ser um pouco mais velha, o que exigia um primeiro livro melhor, eu era casada com um escritor. Então eu sabia que se eu não encontrasse um estilo meu, iriam dizer que ele havia escrito os livros por mim. Hoje, quem nos lê, percebe que são dois tipos de escrita completamente diferentes.

Vocês “trocam figurinhas”? Leem e opinam sobre os textos um do outro?

Eu sempre li os livros do Luiz. No início, eu lia cada capítulo. Mas, de uns tempos pra cá, ele me entrega para ler só no final. Sou uma leitora bem rígida. Parentes, em geral, tendem a dizer que tudo o que a pessoa escreve é lindo e maravilhoso. Eu não. Digo o seguinte: “Pode até demorar mais para publicar, mas não vou te deixar passar vergonha”. Ele só lê meus livros prontos também. Até aponta uma coisinha técnica e outra, mas diz que tem muita dificuldade em dar opinião. É o último gentil-homem, como diz o Sergio Faraco (risos). Então, para críticas, recorro a outros leitores.

Você acredita em algum tipo de literatura feminina? Faz sentido essa definição entre quem trabalha com ficção?

Observo uma característica comum a autoras mulheres que considero importante: narrar muito bem os interiores. Mas alguns autores homens também conseguem fazer isso bem. Em relação a uma “voz feminina”, ao ponto de vista de uma mulher da narrativa, bons escritores conseguem compor muito bem personagens homens e mulheres. Existe uma voz feminina, mas ela não é inalcançável e nem exclusiva de mulheres. Assim como o inverso funciona da mesma forma. O meu primeiro personagem literário, por exemplo, foi um homem. Porque eu queria esse desafio de traduzir a interioridade masculina.

Em relação aos temas das histórias. Alguns são mais caros às mulheres?

Na literatura, eu não sei. Na sociedade, eu penso que, para nós mulheres, a questão ainda não está resolvida dentro de casa. Uma militante feminista disse certa vez que é mais fácil queimar sutiãs na rua do que mudar a postura dentro de casa. Mesmo quando não tem ninguém impedindo a mulher de ser algo, de fazer algo, às vezes é ela mesma que não se permite. São sentimentos difíceis, pensamentos mesquinhos, que elas não gostam nem de falar sobre.

Na trama de A Ponta do Silêncio aparecem situações de abuso no ambiente doméstico. Seu último livro foi para mexer nessas feridas aí?

De certa forma, sim. Algo que faço muito é guardar notícias de jornal. Guardo por anos, até que elas ressequem de emoção, para depois eu dar início a uma história. Eu via a notícia de uma mulher que era suspeita de ter matado o marido. Na cidade, ela era vista como uma conselheira, uma professora, alguém que escrevia para o jornal. Só que ela não podia dar muitos passos sozinha. Era impedida de mostrar quem realmente era. Eu peguei aquilo e fiz a personagem. O livro se passa em uma semana, e a personagem não pode falar. Se comunica por gestos e bilhetes. Foi um desafio tremendo.

Você comentou que o livro demorou 13 anos para ser escrito. Nesse meio tempo, passou-se a se falar muito mais em temas como abuso, assédio e violência contra a mulher. Como o livro conversou com essas mudanças no mundo em torno dele?

Mudou bastante coisa. Mas o que eu queria escrever. Não mudou tanto. Aquelas pequenas agressões verbais, aquelas desconsiderações em um relacionamento em que uma pessoa vai destruindo a outra. Sempre tem um mais fraco. Eu mesma vi pessoas próximas que desperdiçaram o seu talento, que não puderam exercê-lo, porque foram sufocadas por ciúme, por relações de poder. No livro, retrato um casamento de 30 e poucos anos. Pegou muito um tempo em que uma mulher não poderia ambicionar nada em uma cidade pequena. E tem incorporações que funcionam daquele jeito: se você está com um livro na cabeça, tem que estar sempre com os dedos na tomada. De tempos em tempos dizer: “Isso aqui cairia bem na minha personagem”, e usar.

Você diria que esse é um livro feminista? Ou que a sua escrita permeou o tema?

Não estou pronta para me dizer feminista. Acho que não me preparei o suficiente. Ainda estou em turbulência com o meu feminismo (risos). Mas eu fui a primeira pessoa da minha família que trabalhou fora. Em uma época em que isso vinha carregado de culpa: 40 horas trabalhando como professora e ainda tomando conta da casa. Fico contente de ver hoje que a minha filha é casada com um rapaz de 50 anos e ele realiza tarefas domésticas, leva a criança ao médico. Então. Acho que postura das mulheres e dos homens foi mudando e que eu participei da minha forma. Ouvi da minha filha, uma vez, que ela gostava de eu trabalhar fora, porque as mães donas de casa das amigas falavam muita besteira (risos). Na década de 1960 a gente achava as feministas meio loucas. Mas são os loucos que começam as revoluções. Mesmo as que a gente participa sem se dar conta.

E no trabalho de escritora, como essas revoluções acontecem?

Pois é. As mulheres que escreviam, no meu tempo, eram as solteironas, as viúvas, as consideradas desequilibradas. Por exemplo: sou da terra da Lya Luft (Santa

Cruz do Sul), e ela não era muito benquista por lá no passado. “Ai, meu Deus, que coisa mais não sei o quê”, comentavam. Entre os descendentes de alemães, valem muito as aparências. E o que eu escrevo também, digamos, não são livros ideais para ler comento torta e tomando chá (risos). No passado eu achava mais fácil matar do que mudar, mas hoje não. Hoje eu tenho gosto de me livrar de qualquer ambiente e pensamento mesquinho.

Zero Hora. Porto Alegre. 28 e 29.out.2017. P. 6. Revista Donna

“Gosto de trabalhar com tensões”

Mônica Kanitz

A patrona da Feira do Livro, que abre amanhã, diz que o cargo significa o coroamento de toda uma trajetória.

Às vésperas da Feira do Livro, a escritora Valesca de Assis, 72 anos, vive dias agitados. Como patrona da festa, ela se divide entre entrevistas, sessões de fotos, encontros literários, ligações de amigos e ainda uma reforma em sua casa, no bairro Tristeza, onde vive com o marido, o também escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Em meio ao barulho da obra, ela contou ao Metro Jornal como se prepara para as próximas semanas. “Quero estar na feira todos os dias, pelo menos um turno. Mas já avisei que não tenho tanta saúde assim”, brinca. A conversa prosseguiu no carro, até a Praça da Alfândega, para a foto da capa. “A Feira será um pouco menor, por questões econômicas. Mas será a mesma festa de sempre em torno dos livros”, avisa.

Todos os patronos dizem que esta é a maior honraria de um escritor no Rio Grande do Sul. Qual é o seu sentimento?

É uma sensação muito grande. É como um coroamento, um reconhecimento que vem de toda a cadeia da literatura, já que o vencedor entre os cinco finalistas é um voto que vem de instituições, universidades, editores, antigos patronos. Significa que é uma carreira relevante e respeitada no ambiente de circulação do livro.

E vem na sequência da Cíntia Moscovich, que foi patrona em 2006. Isso é inédito em se tratando de Feira do Livro...

Acho que é um sinal destes tempos, mas meu temperamento é bem mais discreto que o da Cíntia (risos). Na verdade, eu não esperava ser patrona. Nunca tinha colocado isso no meu horizonte... eu era professora e só escrevi meu primeiro livro aos 45 anos.

Como surgiu a necessidade de escrever? Quando a senhora percebeu que tinha essa vocação?

Eu lia muito quando era criança e gostava de contar histórias para meus irmãos menores. Depois me formei na faculdade de filosofia, dei aulas de história e sempre achei que sabia escrever. Até perceber que há uma enorme distância entre a ideia e o que tu consegues realmente colocar no papel. Fiz minha primeira oficina literária aos 38 anos e essa maturidade me ajudou muito. Quando escrevi meu primeiro livro (“A Valsa da Medusa”), em 1990, eu já planejava a aposentadoria e foi bom ter essa perspectiva de poder me dedicar ao que eu realmente gostava de fazer.

Seus romances têm protagonistas femininas muito fortes, muito complexas. De onde elas vêm?

Dizem que todo escritor escreve sempre o mesmo livro – e este é o meu tema. Tu podes morar no Alasca, mas se a tua mãe for de origem alemã, como a minha, a vida será muito secreta, muito séria, muito contida (risos). É como um vulcão que fica fervendo por dentro... tanta repressão vai ter consequências, alguma coisa vai acontecer um dia. Eu mesma era muito reprimida e não gostava daquilo, comecei a fazer terapia aos 18 anos. Por conta de tudo isso, gosto de trabalhar com tensões, e a literatura te dá

um poder muito grande de explorar isso. A liberdade fica ainda maior se tu colocas um narrador para contar a história.

Teus quatro romances têm essa característica...

Justamente, construí uma tetralogia que terminou com “A Ponta do Silêncio”. No primeiro “A Vasa da Medusa”, o pano de fundo é o povoamento alemão no Vale do Rio Pardo, região onde cresci. O crítico Paulo Hecker Filho me disse, à época, que eu não deveria me apoiar tanto nas muletas da história, não ter tantas certezas. Os contextos dos seguintes são diferentes, mas a questão do relacionamento abusivo, de dominação da mulher, estão presentes.

E como a literatura infantil se coloca nesta trajetória?

Recebi um convite da Artes&Ofícios para participar de uma série e fui estudar (o resultado foi “Dicionário”, de 2005). É uma escrita que exige um grau máximo de desenvolvimento técnico porque precisa entrar na cabeça de uma criança, entender sua compreensão. Para mim, nessa época caiu o mito de que se aprende sozinho... a ideia é um instante mas escrever exige muita carpintaria.

Tu também ensinas a escrever. Quem pode aprender?

Eu ensino o desbloqueio. Aprendi isso aos 40 anos, quanto tu já tens teus medos, tuas desistências, tuas certezas. A técnica todos aprendem, mas o talento também é importante. As minhas classes são, na maioria, de mulheres mais velhas. E a gente só lê os autores contemporâneos para as aulas, porque a literatura do nosso tempo precisa sertão rápida como a vida das pessoas.

As recomendações de Valesca

Valesca de Assis tem seus autores preferidos entre os portugueses, como João de Mello, Joel Neto, Inês Pedrosa e Teolinda Gersão. “Eles escrevem muito bem atualmente. São admiráveis”, comenta. Mas ela se confessa bem atenta às novidades e autores com boas críticas. “Li recentemente a Elena Ferrante (autora italiana que é sucesso em seu país) e achei muito boa, apesar de alguns excessos. Eu também sou assim, mas quando há muitos adjetivos um se sobrepõe ao outro – e isso enfraquece o texto. Isso é uma questão de técnica”, comenta.

Nos dias de Feira do Livro, a patrona pretende acompanhar de perto os encontros com os escritores nórdicos e também os africanos. “Será um jogo de elástico muito interessante para nós, brasileiros. Vamos ver como podemos nos identificar com eles em quais aspectos”, comenta. A Dinamarca e a Suécia, ela cita, são exemplos de países de primeiríssimo mundo, com um nível de civilidade absoluto. E isso se traduz na literatura de autores como David Lagercrantz, Aki Ollikainen, Kim Andersson ou Dag Solstad.

Na outra ponta, estão escritores do continente africano, como o nigeriano e Prêmio Nobel Wole Soyinka. Mia Couto, que já esteve várias vezes em Porto Alegre, e o poeta Onjaki. “Uma diferença que os africanos têm em relação ao Brasil é que eles ainda têm uma esperança muito pura no futuro. É quase como nós éramos na época da ditadura – e isso nós já perdemos”, avalia a escritora.

Patrona

Valesca de Assis e a Feira

Chico Izidro

Hoje, será o dia de os leitores estarem mais próximos da patrona da Feira, Valesca de Assis, que autografará toda a sua obra, 18h30min, na Praça Central. Defensora da resistência cultural e escritora que dá voz aos excluídos, minorias, àqueles que não teriam voz sem a sua literatura, Valesca tem sido incansável na Feira, participando de três a quatro atividades diárias. Quando perguntada sobre o significado de seu patronato para a tua existência como escritora, a patrona diz que tem “um significado acima do esperado: o guarda da esquina, a operadora de caixa do supermercado, os jardineiros da rua, o político, os repórteres, todos sabem da Feira, todos amam a Feira, mesmo que alguns não leiam nem estarão no evento, sabem da noite importância de nossa Feira do Livro”. Segundo a autora de “A Ponta do Silêncio”, o patronato deu ocasião para falar “sobre a importância de ler, necessidade de incrementar programas de Leitura e criar novas ações pelo Livro”.

A resistência cultural pela literatura e pelas artes em si foram o mote da patrona desde que seu nome foi anunciado em 11 de outubro deste ano. “Em momentos como este cada um ocupa um espaço que pode, para resistir. A mim, caiu como uma bênção o patronato da Feira. Tenho uma voz, tenho um espaço privilegiado para falar e denunciar o que está sendo feito em prejuízo do mundo cultural brasileiro. E o tenho feito, com toda a minha restante energia. Nessas conversas, temos encontrado belas possibilidades de avanços, que logo implementaremos”, observa. Valesca diz que sua voz na literatura “pensa nos pequenos, nos desconsiderados, nos humilhados. A mulher é tão somente um desses tipos humanos. E são milhares deles, ao nosso redor”.

Patrona

Valesca de Assis: “Literatura é perseverança”

No discurso que fez em uma manhã chuvosa de outubro, logo após ser anunciada Patrona da 63ª Feira do Livro de Porto Alegre, Valesca de Assis escolheu a palavra resistência para comentar o evento deste ano. Escritora publicada desde 1990, ela entende a arte como um meio de crescimento pessoal e social. “A arte define e consolida nossa identidade e nos apresenta novas e inimaginadas possibilidades. Por fim, desafia a nos reescrevermos, a sermos mais ativos na construção de uma sociedade diferente desta tão perversa em que vivemos”, observa.

Nesse sentido, Valesca vê a urgência de uma abordagem coletiva e social da literatura: “Nunca devemos pensar que alguém não possa ser trazido ao mundo de esperanças que os livros nos mostram. Devemos resistir, sempre tendo a consciência de que os ciclos históricos vão e vêm”.

A Patrona, que tem com principais referências Clarice Lispector, Éça de Queiroz, Katherine Mansfield, Erico Verissimo e Josué Guimarães, descobriu a arte de escrever em oficinas de escrita criativa – as quais, hoje, ela também é professora. “Aprendi que inspiração é um instante. O resto é carpintaria, jardinagem, marcenaria, pintura e perseverança”, relembra.

A escritora sucede a amiga Cíntia Moscovich no patronato, uma mostra, segundo ela, da evolução do “processo histórico universal onde a mulher foi, até pouco, um ser de segunda linha”.

Nascida em Santa Cruz do Sul em 1945, Valesca é graduada em Filosofia pela UFRGS e professora de História especializada em Educação. A estreia como escritora foi em 1990, com *A Valsa da Medusa*. Dez anos depois o livro *Harmonia das Esferas* venceu o Prêmio da Associação Paulista de críticas de Artes e o Prêmio Especial do Júri da União Brasileira de Escritores.

“A arte define e consolida nossa identidade”

Valesca recebeu o Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores, na categoria Crônica em 2003, por *Todos os Meses*, e na categoria Infanto-Juvenil em 2011, por *Um dia de gato. A Ponta do Silêncio*, obra que aborda a violência contra as mulheres, também venceu o Prêmio AGEs na categoria Narrativa Longa em 2017 e é leitura obrigatória para o Vestibular/2018 da Universidade de Santa Cruz do Sul.

A feira da persistência

A partir de hoje, a Praça da Alfândega torna-se o coração cultural de Porto Alegre abrigando a 63ª edição da Feira do Livro. Até 19 de novembro, este espaço no centro da Capital receberá, além dos tradicionais estandes de livros, diferentes atividades e reflexões sobre temas em pauta no Brasil e no mundo, em especial os que dizem respeito à diversidade e à tolerância.

A programação da Feira traz à cidade convidados internacionais como o nigeriano Wole Soyinka, o moçambicano Mia Couto, o português José Luís Peixoto e o sueco David Lagercrantz, um dos mais de 10 representantes dos países nórdicos (Suécia, Finlândia, Noruega, Dinamarca e Islândia) homenageados nessa edição. A Feira 2017 tem como patrona a escritora Valesca de Assis – é a primeira vez que uma mulher recebe o bastão de outra, Cíntia Moscovich, patrona da edição passada. A convite de ZH, Valesca escreveu o texto ao lado, no qual lembra sua relação com a Praça da Alfândega quando estudante à época da ditadura militar.

Também passarão pela Praça da Alfândega nomes como o escritor Luís Fernando Veríssimo, o filósofo Luiz Felipe Pondé, o cronista e humorista Gregório Duvivier, a autora Conceição Evaristo, a autora Conceição Evaristo, o jornalista, escritor e cientista político Bernardo Kucinski e o cronista Antonio Prata. Em paralelo à Feira, o Cine Santander exhibe filmes com entrada gratuita.

Valesca de Assis

São os anos sessenta, e a vida decorre sem grandes atrativos, exceto a leitura. Estou percorrendo a obra de Erico Veríssimo. A renúncia de Jânio Quadros é o primeiro susto. Depois, o episódio da Legalidade: Leonel Brizola tenta garantir a posse do vice João Goulart, que volta de uma viagem à China. Brizola prepara-se para defender de Palácio Piratini contra um bombardeio anunciado. Aliás, quem irá evitar essa tragédia é um futuro escritor, Oswaldo França Junior, mineiro, então muito jovem, servindo à Aeronáutica. Eles, juntamente com alguns colegas, sabotaram os aviões que atacariam o Palácio do Governo. Naturalmente, Oswaldo sofreu as consequências de seu ato.

1965. Passo no vestibular de Filosofia na UFRGS, a única possibilidade de cursar uma faculdade. O estudo me apaixonou: grandes professores como Gerd Bornheim e Frei Antonio do Carmo Cheuiche. A um ano do Golpe de Estado, a vida anda de cabeça para baixo. Começam as perseguições, as pessoas simplesmente desaparecem da noite para o dia. Ouvem-se histórias de horror. Colegas da Filosofia são presos; foram e são demitidos e exilam-se no Uruguai, Argentina, Chile, depois na Europa, corridos pelos golpes que se sucedem na América Latina.

Começamos a nos reunir sob o patamar da faculdade de Filosofia, centro de grandes debates e tensões. Iniciam-se as passeatas, silenciosas ou falantes, da faculdade até o centro da cidade. A polícia nos acompanha pelo trajeto, alguns infiltrados do DOPS fotografam-nos para os inquéritos, as pessoas do povo nos aplaudem e seguimos pela Paulo Gama, Sarmiento Leite, João Pessoa, Salgado Filho, Borges de Medeiros, Rua da Praia. Na Praça da Alfândega os líderes discursariam, nos arrancando gritos e aplausos...

Não, na Praça da Alfândega somos reprimidos por cavalos e policiais e espantados aos golpes de cassetetes. Corremos para as lojas do Centro, e lá nos refugiamos. Os lojistas descem as cortinas de ferro: som que jamais haverei de esquecer. Dentro, no escuro, esperamos por minutos e horas, até poder voltar para casa. Nossos pais, naturalmente, nos imaginam na biblioteca, que é, na verdade, onde gostaríamos de estar.

Mas temos uma utopia; não podemos desfrutar as consequências da juventude. Somos a mocidade precocemente amadurecida, que há de conduzir o Brasil de volta à democracia.

Alcançamos nosso intento, em 21 anos de dores e perdas, com nossa jovem coragem e com o medo de nossos pais. Na mesma Praça da Alfândega, a Feira do Livro persiste.

Zero Hora. Porto Alegre. 01.nov.2017. P. 1 - Segundo Caderno

Fim de feira

Adriana Androvandi

Vendas em baixa, diversidade em alta.

Apesar de 14% de queda nas vendas, evento discutiu temas étnicos, de gênero e políticos.

Por mais paradoxal que pareça, a 63ª Feira do Livro terminou ontem à noite, com o cortejo da patrona Valesca de Assis, equipe da Feira, livreiros, editores e leitores, teve muito a comemorar a pesar de 14% de queda nas vendas de exemplares comercializados (números não foram revelados). Conforme o presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, Marco Cena Lopes, há muito que se comemora a ampliação histórica da discussão e diversidade étnica, gênero, ideologia. “As pessoas estavam à vontade. Ressalto a intensa participação dos negros, jovens, mulheres e eventos como o Encontro dos Escritores Negros, sarau com o Sérgio Vaz, competição de Salm, a presença do Nobel nigeriano Wole Soyinka”, disse.

A coordenadora da área Geral e Adulto Jussara Haubert Rodrigues, destacou o crescimento da presença do público nas atividades: 19.168 pessoas em 331 eventos, com 665 participantes (em 2016, foram 17 mil). Foi acessível em todos os sentidos. Os debates foram respeitosos. Não houve intolerância. Todos os pensamentos e palavras foram aceitos e debatidos”, destacou, lembrando a empatia e encantamento da delegação nórdica, com 11 escritores, quatro embaixadores e um ministro. A coordenadora Infantil e Juvenil, Sônia Zanchetta, lembrou da queda de 22% na participação de alunos de escolas, mas elencou pontos positivos como 185 sessões de contação de histórias no QG dos Pitocos, 11 seminários e encontros e novas tecnologias no Espaço do Conhecimento.